

Biopesticidas vão ter um centro de investigação no Alentejo

Deu-se o pontapé de saída de um futuro laboratório para a criação de biopesticidas em Elvas. Prevê-se que comece a funcionar ainda em 2019 e que, ao fim de cinco anos, empregue 50 pessoas

Agricultura
Teresa Serafim

Há uma espécie de mosca-da-fruta (a *Drosophila suzukii*) que ataca frutos vermelhos e pêras em Portugal. Veio do Sudeste Asiático para a Europa e América do Norte durante este século e não há pesticidas que a consigam combater. Só no ano em que foi descoberta na Califórnia causou perdas de 500 milhões de euros. Ainda não existem dados para Portugal, onde chegou em 2012, mas está a ser criada de uma rede de investigadores que lhe quer fazer frente. Chama-se Inovação em Protecção de Plantas (InnovPlantProtect) e o pontapé de saída foi dado ontem em Elvas. É lá, na Estação Nacional de Melhoramento de Plantas do Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária (INIAV), que vai ficar instalada.

O arranque foi dado na manhã de ontem nas comemorações do Dia do Agricultor no Centro de Negócios Transfronteiriço (Elvas). Na cerimónia, estiveram nomes ligados à agricultura, à ciência e a Elvas: o ministro da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural, Luís Capoulas Santos; o reitor Universidade Nova de Lisboa, João Sáágua; o presidente do INIAV, Nuno Canada; e o presidente da Câmara Municipal de Elvas, Nuno Mocinha. E assinou-se o protocolo de cooperação entre o INIAV e a câmara municipal, para que parte das instalações da estação seja cedida à autarquia e se iniciem as obras no espaço onde ficará o laboratório da rede de investigadores.

E porquê um centro para novos biopesticidas? “Cada vez há uma maior preocupação com a sustentabilidade actual dos pesticidas. Alguns estão mesmo a ser retirados do mercado”, avisa Isabel Rocha, pró-reitora da Universidade Nova de Lisboa e responsável pela parte de negócio do projecto. “Prevê-se que se retirássemos os pesticidas do mercado, como está em causa na Europa, haveria uma perda de 50% da azeitona.” E salienta a questão das alterações climáticas, que têm levado a que pestes e doenças estejam a migrar de outras zonas do planeta para Portugal.



DANIEL ROCHA

Campos do Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária, em Elvas, onde ficará o laboratório

“Será um centro de investigação para tentarmos desenvolver estratégias de base biológica para proteger as plantas de doenças”, diz Margarida Oliveira, do Instituto de Tecnologia Química e Biológica (Oeiras) e coordenadora científica do projecto.

Cultura mediterrânica é o alvo
Espera-se que nesse laboratório se criem biopesticidas baseados em ácidos nucleicos e em proteínas. “A ideia é que os químicos têm efeitos no ecossistema. As proteínas e os ácidos nucleicos serão mais direccionados para o alvo que queremos eliminar”, frisa Isabel Rocha. Pretende-se ainda fazer a selecção de resistências a pragas; construir novas formulações para aplicações agrícolas; criar novos métodos de diagnóstico e despistagem da emergência e disseminação de pragas e doenças; e fazer a gestão e análise de metadados para a identificação de alvos e solução, assim como a análise e modulação de risco de pragas e doenças.

“As culturas de relevância medi-

terrânica serão o nosso foco, o que não quer dizer que seja só para a área mediterrânica”, diz Isabel Rocha. “O foco são essas culturas por uma questão de localização, mas também porque estão vulneráveis ao aquecimento global.” E há outro problema: “A vinha tem uma série de doenças já conhecidas, em grande parte provocadas por fungos, para os quais existem pesticidas aplicados pelos agricultores. O problema que se coloca é que esses compostos, usados quase no dia-a-dia pelos agricultores, estão em risco de serem retirados do mercado.” E acrescenta: “A União Europeia tem estado a fazer uma análise bastante rigorosa do impacto am-

biental dos pesticidas, tem retirado alguns e serão retirados mais durante os próximos anos. De um de um dia para o outro, os agricultores podem não ter forma de combater pragas e doenças que afectam as culturas.”

Um outro exemplo é a proibição pela União Europeia do uso ao ar livre de insecticidas danosos para as abelhas. Em Abril, proibiram-se substâncias prejudiciais para as abelhas conhecidas como neonicotinóides. “Ainda não existe uma alternativa tão eficaz como os neonicotinóides para proteger as sementes de insectos, que as destroem, e há estudos que prevêem um impacto de milhares de milhões de euros de prejuízo”, refere Isabel Rocha. “No InnovPlantProtect pretendemos desenvolver alternativas ambientalmente sustentáveis a estes e outros compostos.”

Este projecto é candidato a financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) como laboratório colaborativo, ou seja, como associação privada sem fins lucrativos. “Será um laboratório colaborativo

quando a FCT lhe conceder esse selo”, salienta Margarida Oliveira. O projecto tem como membros fundadores a Universidade Nova de Lisboa, o INIAV, o Centro de Biotecnologia Agrícola e Agro-Alimentar do Alentejo, a Câmara Municipal de Elvas, várias associações ligadas à agricultura, a empresa Fertiprado e as multinacionais Bayer CropScience e Syngenta. “São empresas que têm muitos compostos tradicionais no mercado e estão preocupadas com o facto de alguns serem proibidos e não haver alternativas”, diz Isabel Rocha.

Criar massa crítica em Elvas

Prevê-se que o orçamento dos dois primeiros anos seja de dois milhões de euros (com fundos públicos e das entidades fundadoras). Ao fim de cinco anos, espera-se que o orçamento chegue aos seis milhões de euros.

Espera-se que este laboratório colaborativo seja formalizado até ao Verão. Depois, abrir-se-á uma candidatura internacional para o seu director. “Prevê-se que, ao fim de cinco anos, quando ficar em pleno funcionamento, terá 50 pessoas [investigadores e técnicos, que trabalharão em Elvas]”, refere Isabel Rocha.

Já as obras na parte da estação de melhoramento que vai albergar o novo laboratório – que incluem a sua requalificação e equipamentos como estufas – custarão 2,5 milhões de euros. Segundo Nuno Mocinha, este dinheiro virá de fundos comunitários e da câmara municipal.

Quando começará a funcionar? “O nosso objectivo é que em 2019, no primeiro semestre, possamos estar a arrancar”, responde Isabel Rocha. Nuno Mocinha partilha da mesma ideia: “Creio que num ano conseguiremos ter uma parte do laboratório em funcionamento.” Até porque, segundo o autarca, só traz vantagens a Elvas: “Por um lado, continua a potenciar a Estação Nacional de Melhoramento de Plantas e atrai para Elvas 50 investigadores, ou seja, massa crítica para um território de baixa densidade e do interior. Por outro lado, coloca a inovação no nosso território e dinamiza a economia local.”

teresa.serafim@publico.pt

50

Número de cientistas e técnicos que se espera que o futuro laboratório colaborativo Inovação em Protecção de Plantas tenha em 2024